



CONFAGRI

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE COOPERATIVAS AGRÍCOLAS
E DO CRÉDITO AGRÍCOLA DE PORTUGAL, CCRL

Sector Agrícola

Portugal precisa de estratégia consistente e consequente



Francisco Silva

No início de 2008 a crise alimentar mundial foi longamente debatida, explicada e analisada, tanto a nível interno como nas organizações internacionais multilaterais. De que modo é que esta crise afectou e continua a afectar as cooperativas dos sectores de actividade das Associadas da CONFAGRI?

A crise alimentar de 2007-2008 deveu-se à conjugação de vários factores, com destaque para a baixa disponibilidade de cereais a nível mundial, derivada das fracas colheitas de países exportadores (Austrália, Canadá, Ucrânia), ao aumento do consumo nos países emergentes, como a China e a Índia, e à utilização de áreas e culturas tradicionalmente dedicadas à produção alimentar para a produção de biocombustíveis. Paralelamente, assistiu-se a um aumento muito significativo dos custos de produção dos produtos agrícolas, derivado da subida dos preços do petróleo.

Em consequência, verificaram-se dois fenómenos que afectaram de modo diferenciado os produtores e as suas cooperativas, consoante

“A agricultura portuguesa tem sido penalizada por medidas erráticas, muitas vezes impostas por Bruxelas, que não servem uma estratégia de desenvolvimento agrícola adequado à nossa realidade específica”, sustenta Francisco Silva, secretário geral da Confagri - Confederação das Cooperativas Agrícolas e do Crédito Agrícola de Portugal na entrevista que concedeu à revista As 100 Maiores Empresas Cooperativas.

as respectivas áreas de actividade: a subida dos preços dos cereais criou efectivamente boas perspectivas para os cerealicultores, mas o aumento acentuado e generalizado dos custos de produção (combustíveis, sementes, adubos e pesticidas, etc.) penalizou todos os produtores. De destacar, a situação particularmente difícil vivida pelos produtores pecuários, penalizados quer pelo aumento das rações quer pelos restantes factores de produção, sem que o preço de venda tenha aumentado.

Hoje, verificamos que o preço dos cereais já baixou significativamente mas, e apesar da baixa do preço do petróleo, o dos principais factores de produção continua elevado. Por outro lado, estamos confrontados com uma enorme crise económica e financeira à escala global, à qual o sector agro-alimentar não fica imune. É pois com dificuldades reais, e com grande apreensão face ao futuro, que os nossos agricultores e cooperativas continuam a lutar para manter as suas actividades agrícolas e agro-industriais, as quais, não nos podemos esquecer, são de importância estratégica para qualquer país.

Alguns países da Europa comunitária, empresas e empresários dos sectores agrícola e do mundo rural em geral, encararam o aumento da procura mundial de alimentos como uma oportunidade de negócio, tendo aumentado as áreas produtivas. Em Portugal isso também aconteceu?

Em resposta às perspectivas de mercado favoráveis, entre 2007 e 2008 registámos também

em Portugal um aumento das áreas produtivas do conjunto dos cereais de cerca de 13%, devido sobretudo ao aumento da área do trigo. No entanto, as previsões de Janeiro de 2009 do Instituto Nacional de Estatística confirmam o que referimos: devido aos elevados custos dos factores de produção e ao abaixamento dos preços dos cereais nos mercados internacionais, prevê-se um decréscimo generalizado da superfície cerealífera nacional este ano.

Que medidas podem ou devem ser tomadas pelo Governo português para defesa dos produtores nacionais em geral e dos sectores cooperativos em Portugal?

A definição de uma estratégia consistente e consequente para a nossa agricultura será o passo essencial. A agricultura portuguesa tem sido penalizada por medidas erráticas, muitas vezes impostas por Bruxelas, que não servem uma estratégia de desenvolvimento agrícola adequado à nossa realidade específica. Outras vezes, até existe uma estratégia sectorial ou regional acertada, mas não se disponibilizam os meios adequados capazes de dar corpo a essa estratégia. E não me refiro só aos meios financeiros mas também aos técnicos e humanos. Daí falar da necessidade de estratégia consistente e consequente. Veja-se o PRODER- Programa de Desenvolvimento Rural 2007-2013, que corporizando uma estratégia de desenvolvimento a médio prazo, deveria reunir maior consenso, nomeadamente dos agricultores e das suas organizações. No entanto, a sua concepção foi um processo demasiado fechado. E o início da



“INFELIZMENTE, FOI NECESSÁRIO UMA CRISE ALIMENTAR PARA SE ENTENDER A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DA AGRICULTURA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI.”

sua implementação está também a evidenciar inúmeras dificuldades de operacionalização. Estamos, por isso, seriamente preocupados com a execução do Programa e o aproveitamento dos fundos disponíveis, dos quais a nossa agricultura tanto carece.

Em relação ao sector cooperativo agrícola, estamos também muito aquém do possível, do prometido e do necessário, nomeadamente no âmbito do PRODER. As cooperativas agrícolas são uma extensão natural do modelo de empresa agrícola dominante em Portugal, fornecendo bens e serviços a preços controlados, permitindo economias de escala ao nível da comercialização dos produtos e gerando mais-valias para o agricultor, através da transformação das matérias-primas. Basta ver o peso do sector cooperativo nas nossas principais produções estratégicas de vinho, azeite, frutas e hortícolas e leite, para perceber até que ponto é importante actuar sobre o sector, para almejar uma melhor competitividade destas produções.

O que é que a CONFAGRI e as Federações associadas estão/podem fazer para ajudar as cooperativas dos respectivos sectores a enfrentarem e a sobreviverem à crise instalada e à situação de recessão técnica em que o país se encontra?

A CONFAGRI e as 7 Federações associadas têm um papel de representação e defesa dos respectivos sectores. Como tal, nesta difícil conjuntura deverão ser parceiros activos do Governo na definição e na implementação das medidas de política que visam contrariar a crise que atravessamos.

A CONFAGRI e as Federações associadas disponibilizam um conjunto de serviços às cooperativas e aos agricultores que, pela sua dimensão nacional, se revestem de grande importância nesta conjuntura particular. Refiro-me à área da informação, da formação profissional e do apoio técnico. A estreita ligação da CONFAGRI ao local e ao agricultor,

através das Cooperativas e das Caixas de Crédito Agrícola, dotam a rede cooperativa agrícola de grande potencial interventivo no sector agrícola e nos meios rurais, que deve ser reconhecido e apoiado.

O que considerou o pior e o melhor que aconteceu ao sector rural cooperativo em 2008? Quais são as perspectivas para 2009?

O melhor, o facto da agricultura ter sido alvo do interesse da sociedade em geral: dos políticos, dos media, dos cidadãos. Infelizmente, foi necessário uma crise alimentar para se entender a importância estratégica da agricultura no início do século XXI. Esta crise ajudou a compreender que a agricultura está no centro de muitos desafios da nossa sociedade, nomeadamente o alimentar, o ambiental e o energético.

O pior, a nível nacional, é o sentimento de ter sido mais um ano a ‘marcar-passo’ para a agricultura portuguesa. Não houve investimento relevante, pois o PRODER arrancou tarde e mal. Ao nível da União Europeia, o pior foi o resultado do exame à saúde da Política Agrícola Comum - PAC, que acentuou as tendências liberalizantes e de desmantelamento progressivo da PAC, com efeitos potencialmente muito graves para Portugal, nomeadamente para o sector leiteiro, com o anunciado fim das quotas leiteiras.

Quais são os principais objectivos/projectos a desenvolver pela CONFAGRI em 2009?

O objectivo essencial para 2009, será o de promover o desenvolver o sector cooperativo agrícola português enquanto estrutura empresarial essencial para a defesa dos interesses económicos e sociais dos agricultores portugueses e pilar fundamental do desenvolvimento rural português. Dos projectos para 2009, para além daqueles que consistem no reforço e melhoria dos serviços prestados nos anos anteriores (a informação e divulgação, a formação profissional, o apoio à elaboração de candidaturas dos agricultores,

os serviços no âmbito do Sistema Nacional Integrado de Registo dos Animais -SNIRA), gostaria de destacar um projecto inovador, justamente designado por INOVAGRI, que a CONFAGRI promove com o apoio do POPH (Tipologia 3.2). Trata-se de um Programa de Formação-Consultoria desenvolvido especificamente para cooperativas agrícolas, que conjuga acções de formação com a intervenção de consultoria especializada. O Programa exige o envolvimento directo dos dirigentes e gestores cooperativos, o que constitui um factor diferenciador positivo e essencial para uma intervenção consistente ao nível da empresa cooperativa. Nesta primeira fase estão envolvidas 30 Cooperativas.

Associadas da Confagri em números:

• FENAFRUTAS

→ 16 associadas que no total integram cerca de 3.850 sócios.

• FENALAC

→ Valor da produção de leite - 300 milhões de euros
→ 5.000 produtores de leite (45% do total)
→ 90 cooperativas locais a prestar assistência técnica e orientação
→ 900.000 mil tons de leite recolhido (75% da produção Continental/ 50% da produção nacional)

• FENAZEITES

→ 29 cooperativas + 1 união de cooperativas
→ 42.000 associados individuais

• FENADEGAS

→ 67 adegas cooperativas
com cerca de 34.000 viticultores

• FENAFLORESTA

→ 36.265 associados em 16 cooperativas